

Apresentação

A partir da segunda metade da década passada, observa-se no cenário editorial brasileiro a emergência de uma produção que vem reclamando a atenção da crítica especializada. São textos muito diferentes entre si sob diversos ângulos, mas que se aproximam por, ao menos, dois aspectos: ocupam-se da representação da experiência da miséria e brutalidade da vida nas comunidades pobres das grandes metrópoles e o fazem tomando para tal elaboração uma perspectiva construída desde o interior destas próprias comunidades. Questões como as da natureza e dos estatutos da idéia de “representação” – que abrangem desde problemas relacionados imediatamente ao campo da composição e dos modos de expressão literários, até as tensões entre as esferas do estético e do ético –, apresentam-se, de pronto, como tópicos relevantes para o pensamento crítico contemporâneo.

Assim, no artigo “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje”, Tânia Pellegrini aborda o problema através de uma leitura cuidadosa das obras *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, e *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella, atenta às técnicas de focalização e aos elementos expressivos que contribuem para a determinação do tom e do viés narrativos adotados em um e outro textos. Contudo, alerta a autora, uma reflexão sobre tais repertórios não deve perder de vista a importância de articular tal operação crítica a “outras categorias de análise, não restritas a forma e estilo, [...], para buscar compreender o *sentido e a função* da produção da cultura e da literatura hoje”. A ensaísta convida o leitor a ter em mente as reflexões de Adorno sobre a necessária superação de uma atitude meramente “contemplativa” diante da barbárie, sob pena de sentirmo-nos “demasiado à vontade” em meio a ela.

Percepção análoga ressoa na contribuição de Fernando Villarraga Eslava, “Literatura Marginal: o assalto ao poder da escrita”. Encontramos ali “o levantamento de uma agenda inicial orientada para a compreensão crítica de um inédito movimento literário e cultural”. Estendendo seu olhar por uma produção variada, que abrange desde obras publicadas em grandes editoras e que reivindicam o estatuto de texto “literário” – *romance, poesia* etc. – até materiais que se posicionam no

campo das narrativas “confessionais” ou “documentais” – relatos, memórias ou reportagens –, e mesmo tocando em práticas discursivas de natureza própria, como o *rap*, o autor discute, antes de mais nada, os sentidos e os efeitos resultantes da (auto) denominação “marginal”.

No texto “O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz”, procuro apontar algumas das possibilidades, bem como os impasses, que se desenham com o advento desse “novo” tipo de produto cultural e da expansão do seu circuito de produção e consumo. Para tanto, focalizo a trajetória do jovem escritor e ativista cultural Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz, que, em uma carreira de pouco mais de quatro anos, sai do absoluto anonimato na periferia sul da cidade de São Paulo para a posição de conferencista na mais recente edição da *Festa Literária de Parati*. Mas assinalo igualmente que, embora sua exposição ali tenha produzido uma “vigorosa impressão, segundo o noticiário, é certo também que [Ferréz] foi o único dos escritores que teve como companheiro de sessão e debatedor um sociólogo”.

Ocupando-se das duas primeiras edições de *Literatura Marginal: a periferia grita*, coletâneas organizadas por Ferréz, reunindo textos de autores oriundos das periferias de grandes metrópoles brasileiras, o artigo “Literatura marginal em revista”, de Marcos Zibordi, oferece uma leitura do conjunto das referidas edições como “narrativas” interpretáveis em três dimensões: a *confessional* – “trajetórias de vida interrompidas e contadas por um narrador característico”; a *formativa* – representada pelo “projeto pedagógico d[est]a literatura que se quer marginal”; e a da *memória* – que “fala da histórica desigualdade social do país”. Entre outros aspectos, essa leitura toca no problema das sinuosas relações entre a palavra impressa da cultura literária e a palavra cantada e fonografada dos *rappers*.

O multifacetado universo do *rap* e suas relações com as esferas do literário e da indústria cultural são focalizados no estudo “A narrativa insurgente do hip-hop”, de Ecio de Salles. Empenhando-se em uma revisão das noções de “arte” e de “cultura”, assim como de suas implicações sociais e políticas, este trabalho combina o exame de exemplos específicos, extraídos da produção de *rappers* como MV Bill, Gog e dos *Racionais MC's*, com um mapeamento de fontes e repertórios críticos sobre o tema produzidos em diversas áreas das ciências humanas, no Brasil e no estrangeiro, oferecendo ao leitor um roteiro valioso para o

desenvolvimento e o aprofundamento de investigações sobre esse fenômeno expressivo da cultura urbana contemporânea.

Abordando um repertório textual publicado a partir de 1997, os artigos reunidos no presente dossiê, não obstante sua diversidade, partilham o desafio de produzir reflexão crítica sobre questões ainda longe de cristalização ou consenso. Empreendimento que, nas lides intelectuais, envolve certa dose de risco. Mas, em tempos de barbárie, algum desconforto pode bem ser uma pista, se não uma condição, para o exercício pleno de nossa humanidade.

Registre-se, por fim, que os três primeiros artigos deste dossiê resultam, de forma imediata, de contribuições apresentadas na mesa-redonda “Vozes marginais: nova tendência da ficção brasileira?”, que integrou o simpósio *O lugar, o não-lugar e o fora-de-lugar: estratégias de deslocamentos no espaço social*, coordenado pela professora Regina Dalcastagnè, e realizado durante o IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), em julho de 2004, em Porto Alegre, RS.

Benito Martinez Rodriguez
organizador do dossiê